

# A PRESENTAÇÃO

Temos o prazer de trazer a público o número 9 da Revista Conexão, intitulada “Quando foi o pós-colonial? Diálogos, perspectivas e limiares nas literaturas luso-africanas”.

Através desta temática, propusemos a reflexão em torno de um dos temas mais polémicos das literaturas de língua portuguesa hoje. Margarida Calafate Ribeiro (CALAFATE RIBEIRO, 2004, p. 1-3) diz que não há um pós-colonialismo, há pós-colonialismos. Hamilton evoca Russell Jacoby e Appiah para mostrar as diferenças relativas ao entendimento do pós-colonialismo: para uns refere-se a sociedades surgidas com a chegada dos colonizadores, para outros, ao período que se inicia com a independência. Para uns, o termo “colonial” refere-se apenas à América Latina, África e regiões da Ásia, para outros abrange também Canadá, Nova Zelândia e Austrália e EUA. Russel Hamilton esclarece que pós-colonial (assim, com hífen) refere-se a depois do período colonial, enquanto pós-colonial inclui elementos do colonialismo ou rejeita as instituições por ele impostas. Esta é uma das questões mais complexas em relação à situação africana. Se do ponto de vista temporal (histórico) reconhecer o pós-colonialismo é o maior respeito que se pode prestar àquelas nações, por outro, quando africanistas e africanos o negam, então, é preciso buscar suporte para a negação que vai além do econômico, não está vinculada unicamente à condição dos países no pós-independência, está na relação com o Ocidente e na visão de si próprio. Assim, embora o conceito pós-colonial tenha se tornado uma palavra chave para afirmar nossa parte como sociedades multicultural e multirracial, sua importância é atualmente mais profunda.

Os textos que nos chegaram são instigantes. Carmen Lúcia Tindó Secco, uma das grandes referências das Literaturas Africanas da atualidade, levanta questões acerca do conceito de pós-colonialismo, traçaremos um percurso da poesia angolana na pós-independência; e evidencia tendências da literatura e pintura angolanas-pós 1975.

Roger Friedlein, em seu artigo, toma três relatos de viagem ao território indiano de Goa, de Guido Gozzano (*Verso la cuna del mondo*, 1917), Antonio Tabucchi (*Notturmo indiano*, 1984) e do angolano José Eduardo Aqualusa (*Um estranho em Goa*, 2000), e analisa como as viagens narradas se constroem como uma busca de um sujeito misterioso, ao mesmo tempo em que fazem com que a velha cidade, pelas técnicas de narração, se torne um lugar de modernidade narrativa.

Em “A África no discurso colonial português”, Regina Zilberman estabelece um percurso em que demonstra que discurso colonial emerge nas primeiras produções épicas da literatura portuguesa, como os poemas de Luis de Camões (*Os Lusíadas*) e Jerônimo Corte Real (*O naufrágio do Sepúlveda*) e após a expansão do capitalismo no século XIX, na ficção de Eça de Queiroz (*A correspondência de Fradique Mendes; A ilustre casa de Ramires*).

Aginaldo Rodrigues da Silva analisa, do ponto de vista político, *O grande circo autêntico*, do grande dramaturgo angolano José Mena Abrantes.

“(Des)silêncios”, por sua vez, trata da abordagem que Daniel Conte dá às relações imagéticas existentes entre Portugal, Brasil e Angola, apoiando-se nas narrativas de Petetela: *Lueji, o nascimento dum império* e *A geração da utopia*, colocando em evidência marcas significativas entre os imaginários dessas nações.

Em “Na canoa de Mia Couto: a poética da travessia em *O outro pé da sereia*, de Mia Couto”, Amilton José Freire de Queiroz examina a poética da travessia no romance, a partir de um olhar que se ancora na lição de que ler e analisar um texto literário é saber que ele esgarça a fronteira literária, convocando a moldura de outros campos do saber.

Neiva Kampff Garcia também revisita Mia Couto em seu artigo, para isso, parte do entendimento de que o trabalho de criação, recriação e ressignificação elaborado pelo autor tem de ser visto como uma nova tessitura literária, que se fundamenta nos sentidos de travessia, antropofagia e hibridismo.

Gustavo Henrique Rückert, por sua vez, se desloca para Angola, para perguntar “quem é o nosso do nosso musseque” na obra de Luandino Vieira. A partir de fundamentos teóricos do Pós-colonialismo, assume a função das literaturas africanas no entendimento e na reconstrução da história, bem como na busca por uma noção de identidade nacional. Dessa forma, o estudo parte de aspectos formais desse romance, como o próprio gênero, a narração e, por fim, a diegese, para refletir sobre os significados que esses elementos assumem nessa perspectiva.

Outro grande nome da literatura angolana contemporânea é trazido a este número da *Conexão* por Rejane Seitenfuss Gehlen. A pesquisadora analisa a representação da identidade angolana revelada pela personagem do conto “O elevador”, de João Melo, considerando as interfaces entre literatura e contexto histórico através da postura ideológica assumida pelo narrador que revela um sujeito marcado indelevelmente pelo processo de colonização.

Paula Nassr trabalha com a poética de Rui Knopfli, descendente de europeus, nascido em Moçambique, que fixou, ao largo de sua poética, um discurso híbrido no intento de escapar da ameaça permanente de diluir-se em migrações íntimas. Fica latente em seus poemas um sujeito cindido que luta contra o silenciamento sistemático trazido pela revolução anticolonial.

Mia Couto retorna, ainda, na análise de Luciana Morais da Silva, que visita o espaço de elementos míticos e mágicos, proposto pelo autor moçambicano em *A Varanda do Frangipani*.

Os três professores da UNEMAT-SINOP, Luzia Aparecida Oliva dos Santos, Antonio Aparecido Mantovani e Genivaldo Rodrigues Sobrinho trazem uma séria reflexão sobre a literatura e o ensino, com o imperialismo da imagem eurocêntrica, enquanto Marines Andrea Kunz se debruça sobre a Lei 10.639/03 e a análise de “Ynari e o poder das palavras”.

Completam este número da *Conexão* uma entrevista concedida pelo escritor Mia Couto à Jane Tutikian em dezembro de 2012, e as resenhas de Maria Manuela Araújo, que homenageia Mandela e de Tiago Lopes Schiffner, que apresenta de Luiz Alberto Mendes – *Memórias de um sobrevivente*.

Evidentemente que a discussão sobre “Quando foi o pós-colonial? Diálogos, perspectivas e limiares nas literaturas luso-africanas” não se esgota aqui, mas o que, agora, oferecemos ao leitor são textos de qualidade inequívoca para que se faça essa reflexão. O assunto continua candente.

Ana Zandwais  
Jane F. Tutikian  
Organizadoras